

IDENTIFICAÇÃO DATILOSCÓPICA EM CADÁVER CARBONIZADO

FINGERPRINT IDENTIFICATION IN A CARBONIZED CORPSE

Aldeir José da Silva

Instituto Médico Legal André Roquette, Polícia Civil do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

Luciana Fulgêncio Guedes de Brito

Núcleo de Identificação, Delegacia Regional Executiva, Polícia Federal, Belo Horizonte, MG, Brasil

Leonardo Santos Bordoni*

Instituto Médico Legal André Roquette, Polícia Civil do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil



Corpos carbonizados (CC) podem apresentar grande dificuldade técnica para sua identificação¹. Mas é comum que apresentem graus variados de destruição tecidual pela ação térmica^{1,2}. Frequentemente ocorre assimetria nas lesões observadas nas mãos dos CC, pois há uma tendência à flexão dos dedos pela retração da musculatura flexora, que é mais volumosa que a extensora³. Pode ocorrer, então, uma proteção em grau variável da polpa digital devido à posição fletida em direção à região palmar (“punho de pugilista”)³, o que pode ser observado na mão esquerda evidenciada na figura 1. O polegar esquerdo dessa mão era o dedo que apresentava melhor preservação morfológica da epiderme. Assim, essa camada foi removida e imersa em solução de água com detergente neutro e ácido acético a 4% por, aproximadamente, 60 minutos para hidratação. Em seguida, foi higienizada mecanicamente por meio de limpeza e secagem (figura 2), e submetida ao entintamento da face interna da epiderme (figura 3) que permitiu a obtenção da impressão digital e posterior identificação pelo confronto papiloscópico. Ainda que em alguns casos de CC seja necessária a utilização de outros métodos de identificação, como as comparações odontológica, antropológica, ou mesmo a genética, o estudo papiloscópico deve ser a primeira opção, pois apresenta melhor relação de custo-benefício e maior rapidez diante das demais técnicas^{1,2}.

REFERÊNCIAS

1. Silva AJ, Santos FC, Castro MM, Bordoni PHC, Bordoni LS. Identificação papiloscópica em cadáveres carbonizados – considerações médico legais e a importância da integração pericial. BJFS. 2018; 7(3):205-222.
2. Spitz WU. Thermal injuries. In: Spitz WU (Ed.). Spitz and Fisher's medicolegal investigation of death – guidelines for the application of pathology to crime investigation. 4. ed. Springfield: Charles C. Thomas; 2006. p. 747-782.
3. Symes SA, L'abbé EN, Pokines JT, Yuzwa T, Messer D, Stromquist A et al. Thermal alteration to bone. In: Pokines JT, Symes SA (Eds.). Manual of forensic taphonomy. Boca Raton: CRC Press; 2014. p. 367-402.

* leonardosantobordoni@gmail.com